

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO
RELATÓRIO

UMA PROPOSTA PARA RADIOJORNALISMO

Orientador- Eduardo Meditsch
Aluna- Sílvia Lara Zamboni
Matrícula - 8618334-6
Dezembro de 1989.

A idéia de fazer um programa de rádio voltado para a comunidade como projeto de conclusão de curso surgiu no segundo ano da faculdade, quando a ex-professora Cíntia Nahra ensinou-nos, durante as cadeiras de rádio I e II a ouvir rádio AM. A obrigação inicial tornou-se um hábito que me fez perceber as várias lacunas existentes neste meio de comunicação. Um desses espaços despertou meu interesse, a falta de programas jornalísticos, e principalmente, de um programa jornalístico voltado para o público alvo da rádio AM.

Diante disso, comecei a pensar numa forma de preencher esse espaço que existe na maioria das rádios AMs da grande Florianópolis. Digo maioria porque na rádio Guararema existe um programa de pouco mais de meia hora que se chama "prestação de contas", todas as terças-feiras. Neste programa o secretário do continente, Salomão Mattos Sobrinho, vai até a rádio e fala dos serviços prestados pela secretaria, e responde a eventuais perguntas dos ouvintes sobre problemas nesta ou naquela rua. Já é uma tentativa de transformar o rádio de veículo de transmissão em um meio de comunicação. Mas se pode fazer mais por isso, e foi com essa intenção que desenvolvi este projeto.

A primeira preocupação foi: Será que um programa desses tem audiência? Analisando o programa "prestação de contas", e outros que contam com a participação do ouvinte não apenas para pedir músicas, percebi que o ouvinte tem muita vontade de falar, ele acredita muito no rádio como um meio de comunicação que leva e traz a mensagem. A participação do ouvinte nesse sentido acontece ou tenta acontecer muitas vezes durante a programação diária das rádios. Então a primeira dúvida já estava praticamente anulada. A idéia de fazer um programa mais voltado para os interesses e necessidades do ouvinte foi crescendo até que depois de muitas outras questões, dúvidas impostas pelo meu orientador e por mim ao projeto, percebi que poderia dar certo.

Comecei então, a pesquisar a viabilidade prática e teórica da idéia. O caminho da teoria percorri durante o semestre de elaboração do plano do projeto. Para se fazer um programa especialmente voltado para a comunidade, diria, que não só deixasse perguntas no ar, mas também as respondesse, foi preciso estudar a questão da função do rádio como meio de comunicação, seu papel na sociedade

2

e o que havia acontecido com esta arma da comunicação. Outras questões que me preocuparam foram quanto a função da voz do locutor, o papel que ela desempenha ou teria que desempenhar, e a concorrência com o sinal FM que conquista o ouvinte pela qualidade do som deixando de lado o conteúdo dele.

O passo seguinte foi estruturar o programa. Já havia a determinação de se fazer um programa matutino com a duração de uma ou duas horas. Isso porque durante a elaboração do projeto, havia a intenção de achar um substituto para os programas "Tribunal do Povo", da rádio Diário da Manhã, e "Você é o Juiz" da Guararema.

Como dividir o tempo do programa?

A idéia inicial previa um programa onde não haveria uma estrutura fixa. Um dia poderia ter um entrevistado no estúdio e a participação do ouvinte por telefone. No outro o ouvinte estaria também no estúdio e um entrevistado participaria por telefone, ou junto com a unimóvel. O prefeito da cidade, por exemplo, percorreria algum bairro e veria os problemas daquela comunidade, e a comunidade participaria junto, dali, fazendo perguntas via unimóvel, e assim por diante. Mas foi preciso então, partir para a prática. Já é difícil fazer um programa com uma estrutura fixa funcionar bem, mais difícil ainda é fazer um programa sem estrutura dar certo. Outra questão que pesou na hora de executar o projeto foi a precariedade técnica do laboratório de áudio da UFSC. Assim foi preciso mudar de estratégia. Esquecer a unimóvel, e viver lembrando de que o ouvinte não existia, porque o sinal não saía do laboratório. Surgiu então a proposta de dividir o programa em blocos onde ouvessem espaços com funções definidas que permitissem sempre o livre acesso do ouvinte ao programa.

A partir daí as idéias se concretizaram no programa a "Voz da Comunidade", dividido em quatro blocos: "Você é o repórter" das 9 as 10, "Entrevista popular" das 10 as 10:30, "Justiça no ar" das 10:30 as 10:45 e por último o "Plantão da saúde" das 10:45 as 11 horas. Entre cada bloco sempre uma notícia de utilidade pública, hora constantemente e música eventualmente.

No Você é o repórter o ouvinte seria uma espécie de correspondente do bairro. Para conseguir essa participação foram feitos contatos com 15 bairros estrategicamente situados na grande Florianópolis.

nópolis. Os participantes foram localizados nas escolas ou centros comunitários. O requisito básico para participar era saber das necessidades do bairro. A participação do ouvinte, que na realidade não ouvianada em cada, pode ser considerada boa. Dos 15 contactados houve uma participação média de cinco ouvintes por programa, durante o quadro você é o repórter. Eles ligavam e reclamava. Notou-se o verdadeiro empenho por parte de alguns que se sentiam realmente os repórteres do bairro. É importante salientar que o fato dos participantes não estarem ouvindo o programa em casa, muitas vezes confundia-os.

Na Entrevista Popular surgia a oportunidade de responder questões levantadas no Você é o repórter, pelo locutor com o auxílio da produção, ou por novos telefonemas de ouvintes que participavam na própria universidade. O som do estúdio era colocado no corredor do curso, onde estavam alguns convidados, estes ouviam e quando surgia alguma questão ligavam de um ramal para o laboratório. Participava deste quadro, no estúdio, um ou dois convidados. Pessoas influentes na política por exemplo, vereadores, presidente da CASAN, COMCAP, donos de empresas de ônibus, e assim por diante. Conforme era determinado o assunto pela produção era escolhido o entrevistado.

O Justiça no ar surgiu como uma proposta de utilidade pública, pode-se dizer. Uma carta era respondida por um advogado. As cartas elaboradas pela produção tratavam sempre de questões trabalhistas ou familiares. O advogado que participou dos programas não tem nenhuma experiência em rádio o que prejudicou o quadro. Mas o Justiça no ar foi mantido por causa do objetivo que é prestar serviço. Este era o único quadro gravado do programa.

E o Plantão da saúde, que surgiu só no segundo programa, tinha a função de esclarecer os ouvintes sobre certas doenças. Se o assunto escolhido era AIDS, então buscava-se um especialista no assunto, e assim por diante. O objetivo era trazer informações sobre as doenças da época, principalmente, como a desidratação, AIDS, onde aproveitamos para falar sobre o dia mundial desta doença, que seria um dia depois da gravação.

Definidos os blocos e suas funções só restava agir. Três programas foram gravados. Um no dia 18 de novembro, o segundo no dia 25 de novembro e o último no dia 30 do mesmo mês.

O Primeiro Programa

O primeiro programa valeu apenas para se ter uma idéia de como deveria ser a coisa. O que deveria ser mudado, mantido, eliminado ou criado. Essa tese de usar o primeiro programa só como teste foi reforçada pelo fato do locutor ter se atrasado para a gravação. O programa começava as nove horas e o locutor chegou meia hora mais tarde. Como tudo tinha sido planejado para forjar um programa de rádio ao vivo, as coisas começaram a dar errado, porque os ouvintes telefonaram na hora combinada e o locutor não estava. Então foram gravadas as participações do ouvinte e depois editadas. Durante a entrevista popular que naquele dia contou com a presença do Presidente da CASAN, Luiz Fernando Galotti, também houve participação do ouvinte, como já expliquei anteriormente. Além do atraso do locutor, outro problema foi a falta de equipamentos. Quando o entrevistado estava no estúdio, não ouvia o que era falado no telefone, porque não tinha retorno, só no último programa o entrevistado ganhou um fone de ouvido. O locutor também não tinha comunicação com o técnico, assim quando queria que entrasse comercial ou qualquer coisa tinha que ser avisado pela produção, que ficava entrando e saindo da gabinete para dizer o que ia acontecer em seguida, sem falar na qualidade do som que é praticamente inesistente. Retornos foram elaborados em todos os programas, mas em nenhum foram seguidos se quer de longe. Com participação popular não dá pra prever o que o locutor tem que falar, se vai ter uma ligação e depois comercial, ou se serão duas e depois vinheta. Isso tudo depende do entrosamento entre a equipe. O técnico precisa conhecer os sinais do locutor e vice-versa, por exemplo. E não houve tempo para isso. Então as coisas foram simplesmente acontecendo. É bom ressaltar que só foi possível executar o programa com diversas vinhetas, comerciais e etc, graças ao empréstimo de equipamento de outros cursos e a boa vontade de muita gente.

O Segundo Programa

Depois de analisar o primeiro programa muitas mudanças foram feitas, a primeira foi o locutor. Era preciso um locutor com experiência, que soubesse ser popular, que conversasse com o ouvinte, que soubesse improvisar e principalmente que não chegasse atrasado, o que quase aconteceu. Ele chegou em cima da hora e não deu pra gen-

te conversar sobre os detalhes do programa. Outras mudanças relevantes ocorreram. Foi criado o Plantão da Saúde. Os boletins de utilidade pública que separavam os quadros e eram pré-gravados por uma repórter, passaram a ser mais curtos. O objetivo destes boletins não era ronda policial, era informar o ouvinte dos preços mais baratos, incentivando de certa forma a concorrência entre os supermercados, era informar os locais de feiras, sobre as greves, racionamentos, etc. As vinhetas passaram a ter locução, antes só tinha música, e novas vinhetas foram criadas. Era preciso uma voz feminina para quebrar a monotonia de uma só locução, e por isso as vinhetas foram todas gravadas com voz de mulher. A participação do advogado foi modificada. Ele entrava mais vezes e mais rapidamente. No primeiro programa ele falou em dois blocos de mais ou menos cinco minutos cada um, mas ficou muito chato. A partir deste programa a participação dele que era gravada acontecia em três blocos de mais ou menos dois minutos. O Justiça no ar era o único quadro gravado, o principal motivo foi o problema de não achar um advogado a disposição para participar de um trabalho de aula. O advogado escolhido não tem nenhuma experiência em rádio, mas eu quis manter o quadro para aproveitar a idéia de dar a oportunidade ao ouvinte saber sobre seus direitos.

No segundo programa também foi aberto mais um espaço para o ouvinte, que agora participava no estúdio durante o Você é o repórter. A produção escolhia uma ou duas pessoas de um bairro, pessoas influentes, é claro, para levar ao programa. Essa pessoas participavam sempre que não houvessem ligações para falar de tudo do bairro: problemas, soluções pretensões, reivindicações, etc.

Este foi, na minha opinião, o programa mais completo dos três, apesar de todas as deficiências técnicas que continuavam, prejudicando muito o programa. O fato de não ter sido possível conversar com o locutor antes do programa também atrapalhou um pouco. Muitas vezes ele se perdeu, não sabia em que quadro estava o programa, trocava os nomes das pessoas e apelou demais. Chamava a médica pediatra que participou do programa por "minha amiguinha sônia" ou "Soninha". O dono da trindadense que participou junto com o vereador do PT Vitor Schimit da entrevistista popular virou colega do locutor e por aí vai. Mas apesar de tudo, o programa saiu redondinho quanto ao conteúdo. Ficou provado que era possível fazer um progra

ma assim, mesmo num trabalho de aula. Sim porque o maior problema era marcar as entrevistas. Os convidados perguntavam "pra que meio de comunicação que é?" Quando ficavam sabendo que era pra universidade, o convidado já tinha um compromisso, ou ia ficar doente naquele dia.

O último.

As deficiências técnicas foram diminuídas sensivelmente neste programa, como já citei alguns casos anteriormente. Além do convidado que estava no estúdio ter fones de ouvido, era também possível se comunicar com o locutor por um canal de som instalado na mesa. Mas isso acabou prejudicando ainda mais a qualidade do som, pois o programa teve que ser gravado em apenas um canal, o outro ficava para a comunicação interna.

Desta vez o programa foi antecipado. Estava prevista para ser gravado no dia dois de dezembro, um sábado, mas o locutor e o técnico não iam poder gravar no sábado, e também era uma tentativa de facilitar a vida dos entrevistados que alegavam: "sábado? Poxa trabalho a semana toda, quero ir pra praia." Mas a mudança do dia nada adiantou. O entrevistado que era o Diretor Operacional da COMCAP não apareceu, o Prefeito Esperidião Amin, que ficou de participar por telefone não atendeu, e o médico que não pode ir não conseguia ligação para o estúdio. No fim virou um programa musical.

Neste programa algumas mudanças também foram feitas na tentativa de melhorar o programa. A repórter que fazia os boletins de utilidade pública foi extinta. As informações foram mantidas no intervalo de cada bloco, mas agora na boca do locutor, que desta vez estava orientado para não tratar os entrevistados por amigo, colega. Só que os entrevistados não foram. É um risco que se corre, mas acredito que num meio de comunicação real o risco é bem menor, já que centenas de pessoas vão estar ouvindo o locutor dizer que o fulano não chegou. E essas "autoridades" que já não anda muito acreditada, ia ficar bem menos.

Basicamente foram estes os fatos mais relevantes que aconteceram durante a elaboração do projeto. Gostaria que ficasse bem claro para a banca que houve limitações para executar o projeto. A produção, que foi feita por mim, está super consciente das falhas do programa, além dos problemas com a qualidade do som e de semen-

contrar um locutor a contento. Aliás encontrar o locutor não foi o problema. O Marcos Aurélio que fez os dois últimos programas é um bom locutor, mas não houve tempo para explicar o que se queria. Não era preciso apelar tanto na tentativa de cativar os ouvintes, faltou um pouco de censo crítico por parte do locutor. A intensão que inclusive constava dos roteiros, era que o locutor desse uns "toques" nas "autoridades", mais ou menos como o Miguel Livramento faz. Mas não deu, é preciso um locutor bém informado. Acho que isso descaracterizou um pouco o programa. Mas à idéia, a forma, funcionou o que mostra que o programa é viável. Por esses motivos escolhi apenas alguns trechos do segundo programa para mostrar à banca. Nesta edição foram tirados comerciais, músicas e pedaços das entrevistas com a intensão de diminuir o tempo do programa, já que ele tem duas horas de duração o que é exatamente o tempo de apresentação do projeto. Seria inviável, mas se a banca quiser ou achar necessário ouvir um programa inteiro antes da apresentação não há o menor problema.

Para saber se o programa realmente funciona pensou-se em levá-lo para um rádio e executá-lo lá. Mas a burocracia desses meios de comunicação já é conhecida de outros projetos. Então levantou-se a hipótese de trazer algumas pessoas da rádio no dia da banca, ou pelo menos ouvir a opinião delas, para fechar esse lado do programa. Junto com as pessoas da rádio pensou-se em trazer o Presidente da União Florianópolis-tana de Entidades Comunitárias para ouvir o programa e dar sua opinião como representante dos mais beneficiados pelo programa, e como fonte para o programa. O resultado só será conhecido no dia da banca.